

## **A RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO DE DEUS PARA O HOMEM** (The relevance of the God's Knowledge to contemporary man)

**Ilmário de Souza Pinheiro**\*

Licenciado em filosofia (ISF)

Pós-graduado em pedagogia salesiana (FSN)

Bacharelado em teologia pelo (UNISAL-SP)

ilmariop@yahoo.com.br

### **Resumo**

O presente artigo se propõe a refletir a questão do conhecimento de Deus na contemporaneidade, enquanto marcada por um contexto predominantemente secular. O nosso pressuposto teórico é a condição humana, sempre em busca de um sentido vital. No princípio, faremos uma explanação sobre os fundamentos do conhecimento de Deus; num segundo momento, discorreremos em uma análise crítica sobre o discurso de Deus na contemporaneidade; por fim, refletiremos sobre o desafio do homem hodierno de conhecer Deus, mesmo quando se pensa ser possível, ou até viável, ignorá-lo.

**Palavras-chaves:** Deus. Homem. Conhecimento. Contemporaneidade.

### **Abstract**

This article offers to reflect the matter of knowledge of God in contemporary, while marked by a predominantly secular context. Our theoretical assumption is the human condition, always in search of a vital sense. In principle, we will do an explanation of the foundations of God's knowledge, a second time, we will discourse on a critical analysis of the speech of God in contemporary times, and finally reflect on the challenge of today's man to know God, even when thought to be possible, or even feasible, ignore it.

**Keywords:** God. Man. Knowledge. Contemporary.

## **Introdução**

Na visão tradicional, o conhecimento de Deus era concebido por duas vias: o cosmológico e o antropológico. O primeiro compreende o mundo em sua forma circundante, onde a precariedade ontológica humana o obriga a reconhecer uma realidade superior que possibilite sua existência. A segunda tem como foco a peculiaridade humana, sendo a vida do homem inexplicável sem a presença de uma realidade superior.<sup>1</sup>

Em nossa contemporaneidade, cresce a convicção de que o conhecimento, em diversos setores, compreende, em si mesmo, a complexidade.<sup>2</sup> O conhecimento de Deus também se revela complexo, mas não pode confundir-se com um objeto verificável pela ciência. Conhecemos Deus pelos seus efeitos; daí podemos constatar sua existência, mas nunca poderemos dizer o que Ele é.<sup>3</sup>

Não sabemos o que Deus é, mas apenas o que se pode predicar sobre Ele, a partir da fé ou da revelação. Todo nosso conhecimento é lido a partir da experiência humana; daí já se pode afirmar a sua passividade. Quando elaboramos o discurso sobre Deus, devemos ter presente que tal discurso está baseado na percepção da experiência limite.

*Mescladas com as experiências-limite sociais, naturalmente ocorrem também hoje as experiências-limite individuais existentes em todas as épocas, dos indivíduos em seu respectivo espaço vivencial: finitude, efemeridade, culpa e morte fazem-nos perguntar pelo sentido e pelo alvo do nosso esforço [...] em última análise: pelo fundamento da nossa vida.<sup>4</sup>*

É justamente a partir da condição do homem, ser finito que aponta para o infinito, dotado de razão, que precisa encontrar um sentido para a própria vida, que pretendemos afirmar a relevância do conhecimento de Deus em nossos dias. É, portanto, a partir da resposta humana à questão existencial que pretendemos falar sobre a relevância do conhecimento de Deus para os nossos dias.

## 1. O cerne do conhecimento de Deus

A nossa fé crista afirma que foi por ato de amor gratuito que Deus criou o homem e é com a mesma gratuidade que Ele se revela e se dá a conhecer. Deus dota o ser humano de razão, luz natural, que permite ao mesmo fazer um trabalho de inteligência da fé para alcançar a comunhão com Ele. Só assim, o ser humano pode realizar a sua verdadeira vocação: a comunhão com Deus.<sup>5</sup>

Mesmo tratando-se de um desejo inscrito na natureza humana, a busca de Deus não se dá automaticamente. O homem pode esquecer, ignorar, ou até rejeitar a união íntima com Deus. Neste caso, o conhecimento divino, ao mesmo tempo em que é graça divina, se dá também pelo assentimento livre do ser humano.<sup>6</sup>

Para aceder ao conhecimento de Deus, o homem possuiu vias de acesso. Tais caminhos partem da experiência: o mundo material e a pessoa humana. Ao observar o mundo, pode-se reconhecer Deus como princípio e origem de todas as coisas, pois elas precisam de uma causa primeira que justifique a sua existência, beleza, bem como o movimento do devir.

Há formas distintas de conhecimento. Antes de tudo, está o dado experiencial; parte-se da realidade existente. Em seguida, encontramos a percepção do limite, dado subjetivo-objetivo, que consiste em reconhecer, a partir da inteligência, que a razão de sua existência não se encontra em si mesma.

O ser humano tem profunda sede de infinito e felicidade, que não se realizam senão em Deus que o criou. Tanto o mundo quanto o homem, dadas as suas limitações naturais, não conseguem encontrar fim em si mesmos. *Na ordem em que vivemos e que é a única real, o vazio da criatura transcendental existe porque a plenitude de Deus cria este vazio com a intenção de comunicar-se a si mesmo a ela.*<sup>7</sup> Deus o cria na liberdade de seu amor para fazê-lo partícipe do seu próprio dom.

O ponto alto da revelação de Deus ao mundo se deu por meio de seu Filho Jesus, pois Nele tudo foi dito.

Em Jesus, se realizam as promessas de Deus, feitas outrora aos profetas. Jesus usa a tradição de Israel para nos falar de uma realidade imperceptível. Esta passagem é fundamental para conhecermos o mistério de Deus tal como foi revelado por Jesus.<sup>8</sup>

A palavra de Deus se revela no mundo por sua missão salvadora, específica. A finalidade da encarnação é a salvação. A revelação de Deus se faz na cruz, gesto salvador de Jesus. A ressurreição é graça de Deus, por isso só pode ser acolhida na gratuidade da fé. Com a ressurreição, Jesus dá prosseguimento a sua missão de revelar o Pai. A revelação acontece na história e, para ser acolhida, supõe o trabalho de inteligência da fé na qualificação dos fatos narrados<sup>9</sup>. Esta tese sustenta a idéia fundamental de que precisamos partir da salvação para conhecermos verdadeiramente a Deus.

Assim como o nosso conhecimento, também a nossa linguagem apresenta-se bastante limitada. Não poderíamos fazer qualquer discurso válido sobre Deus sem o auxílio da sua luz. *Tudo aquilo que é elevado a algo que ultrapassa sua natureza precisa ser dotado de uma disposição superior à natureza.*<sup>10</sup> Podemos falar de Deus a partir dos múltiplos reflexos das perfeições das criaturas. No entanto, não podemos confundi-Lo com as nossas representações humanas, pois Ele as transcende.

O homem, embora tenha naturalmente a capacidade de conhecer a Deus, enfrenta muitas dificuldades no processo de busca do Criador e na acolhida da revelação divina. Por isto, ele tem necessidade de ser iluminado pela revelação divina, dado que a razão chega a um limite intransponível, onde se depara com o mistério.

O concílio Vaticano I, o qual explicitou de maneira específica a questão da fé e da razão, considerou fundamental o trabalho mútuo entre ambas, no conhecimento do mistério divino. A razão, desde que seja iluminada pela fé, pode, com a ajuda de Deus, alcançar um conhecimento parcial do mistério. É próprio do ser humano a busca da verdade, do sentido da vida e este só pode ser saciado com o Absoluto: a verdade suprema.

Da razão brotam os questionamentos que levam o homem ao processo de busca da verdade.<sup>11</sup> Isto foi, mais tarde, reafirmado por João Paulo II:

*A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de conhecer a ele, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio.*<sup>12</sup>

Tais verdades racionais funcionam como suportes ao mistério das verdades reveladas; sendo possível então compreender todas as coisas a luz de Deus, considerando assim todo o campo do conhecimento humano. Elas manifestam a inteligibilidade do dado revelado, dando a palavra de Deus e a história caráter de doutrina santa. Na teologia é o amor ao objeto do conhecimento, Deus, e não ao conhecimento em si, que conduz o teólogo.<sup>13</sup>

## **1. Um olhar sobre a contemporaneidade**

As diversas conexões criadas em decorrência dos avanços tecnológicos vêm reforçando o pluralismo no mundo. Este vive uma desagregação, perda de referencial, enquanto os indivíduos reclamam solidão e tristeza.<sup>14</sup> Para os cristãos, tais comportamentos expressam-nos a perda da imagem e semelhança humana com a imagem de Deus.

O problema contemporâneo é, principalmente, existencial. Mesmo diante de muitos avanços e explicações dados pela ciência, o ser humano continua buscando um sentido para a vida, o que nos parece querer saciar a sua sede de infinito. Mais que em outros tempos e situações, o mundo apresenta sintomas patológicos específicos: depressão, tristeza e angústia.

A partir da revolução industrial, o tempo também ganha uma nova definição. Tende a abstrair-se cada vez mais. A aceleração do tempo é evidente em nossos dias, isto é, temos sempre muitas coisas a fazer. Esta postura é justificada, para homem moderno, como o aproveitamento total da vida; o desfrutar ao máximo de tudo o que for possível, característica típica da contemporaneidade.<sup>15</sup>

Segundo Ratzinger,<sup>16</sup> há um forte movimento a favor do desaparecimento da metafísica, o que, por consequência, enfraqueceria ainda mais a *hipótese Deus*; motivaria uma interpretação do mundo unicamente pela via científica. A metafísica é tida como um retrocesso diante do racionalismo; e o pensamento a respeito do Deus Cristão não é considerado científico.

O pensamento humano tenta decifrar o enigma da sua origem e destino; ele tem a necessidade de um horizonte para a própria vida. Este vive um duplo nível de realidade: imanência e transcendência. No entanto, a cultura contemporânea está marginalizando a questão de Deus, por não ver Nele qualquer utilidade.<sup>17</sup>

Para Kasper, a secularização moderna, em nome da liberdade, produz uma reação contra uma imagem absolutista de Deus. Tende-se a dissociar os fenômenos naturais de qualquer ligação com Deus. Não se deve esperar, contudo, que eliminando Deus, tudo permaneça como outrora. *A morte de Deus leva à morte do homem. Assim se constata, atualmente, um pavoroso vazio de sentido e uma falta de orientação que é a causa mais profunda das angústias existenciais de muitas pessoas.*<sup>18</sup>

A Ciência experimental trouxe-nos um novo olhar sobre o que é a verdade. Ela tomou para si a construção da prova, sem a qual nada é reconhecido como verdadeiro. Isto relativizou a qualidade de todo pensamento que possa escapar à sua experimentação. A razão começou, a partir da modernidade, a se estruturar; e o homem pensa que nela está a sua felicidade, sem precisar, para isto, de qualquer transcendência.

A era moderna, em consequência do pensamento cartesiano,<sup>19</sup> foi fundamental para o movimento de autonomia humana. Isto se deu, principalmente, pelo avanço do conhecimento científico, pelo qual o homem poderia dar conta de si mesmo nas diversas áreas que compõem a sua vida, sem depender de nenhuma transcendência. Ela seria portadora deste cisma que conduziria à morte de Deus e, como consequência, à morte do homem.

A supervalorização da subjetividade moderna foi decisiva para o desalojamento de Deus e para a visão utilitarista da natureza, em detrimento de seu encantamento.

Esta passou, cada vez mais, à submissão humana, como objeto de sua dominação. Este contínuo desencantamento do mundo tornou a modernidade um espaço de dominação absoluta da técnica. Isto influencia também a posição do homem em relação a Deus, como afirma Fromm:

*O homem das culturas verdadeiramente religiosas pode ser comparado com uma criança de oito anos de idade que precisa da proteção do pai, mas que começa a adotar seus ensinamentos e princípios de vida. O homem contemporâneo se parece mais com uma criança de três, que grita pelo pai quando precisa dele, mas se pode brincar, mostra-se totalmente independente.*<sup>20</sup>

As pessoas negam Deus porque se afirmam. O ateísmo moderno, nas suas diversas modalidades, se apresenta hoje como um humanismo, na medida em que reivindica a autonomia do ser humano com pleno direito a viver sua vida. O ateísmo reside no esquecimento, ou indiferença, diante de Deus. O homem moderno, ao negá-Lo, rompe com os valores absolutos, das essências, dos fundamentos divinos.<sup>21</sup>

Vivemos numa cultura em que Deus está praticamente excluído da nossa vida de todo dia e até mesmo excluído da nossa antropologia. Não bastasse a sua negação, Ele também passa a ser visto como um empecilho à liberdade humana e, como consequência, à sua felicidade. O papa Bento XVI, sensível a esta realidade, bem a expressou em suas palavras:

*Mas a pergunta é: a humanidade do nosso tempo espera ainda um Salvador? Tem-se a impressão de que muitos consideram Deus fora dos seus interesses. Aparentemente não precisam d'Ele; vivem como se Ele não existisse e, ainda pior, como se fosse um 'obstáculo' a superar para se realizarem a si mesmos.*<sup>22</sup>

Uma das motivações da negação de Deus está na justificação da presença do mal no mundo. O grande problema do ateísmo contemporâneo é enxergar, nas catástrofes, a impossibilidade de se acreditar em Deus. Este pensamento é contrário à antropologia cristã que afirma a ação de Deus único e separado, que não se confunde com o estado natural das coisas. *Deus não é causa natural, mas causa das causas.*<sup>23</sup>

O século XX foi marcado pela produção de uma literatura de angústia e aniquilamento. Sem os pontos de referência e os paradigmas de outrora, o ser humano se sente num mar incerto, pois tudo se torna relativo e, portanto, dubitável.<sup>24</sup> É neste contexto de instabilidade que pretendemos apresentar o conhecimento de Deus como caminho certo à plenitude humana.

## **2. Considerações finais: a contribuição do conhecimento de Deus aos nossos dias**

Podemos começar nos perguntando se a idéia que temos de Deus se aproxima da sua realidade. Com a ascensão do subjetivismo, parece que o discurso de Deus se torna cada vez mais pessoal; cada indivíduo acaba moldando-O a seu modo, fazendo-O à sua própria imagem. Estes desconsideram qualquer necessidade de conhecer a Deus, de trilhar um caminho de busca, pois julgam já o terem encontrado.<sup>25</sup>

Neste sentido, poderíamos apontar como necessidade primordial, a purificação do nosso pensamento a respeito de Deus. Isto pode se dar pela acolhida do dom que Ele mesmo nos concede e do qual nos fala Paulo na carta aos Efésios: *Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação, para poderdes realmente conhecê-lo* (Ef. 1,17).

Diante do desconforto sofrido pela criação, dada a falta de paradigmas confiáveis, cabe-nos redescobrir a humanidade de Jesus como protótipo universal ao ser humano. *A encarnação do Filho de Deus é o início da humanização do ser humano: Deus se faz o ser humano que nos torna mais humanos.*<sup>26</sup> Tal afirmação poderia em linguagem atual ser apresentada ao homem hodierno, tão sedento de sentido, como o de qualquer outra época.

A questão do sentido da vida é inerente ao ser humano. É no encontro com os outros que o ser humano ajusta a própria vida àquilo a que ele é chamado a ser; a sua vocação e missão. A fecundidade vital, seja em nível biológico ou espiritual, é sempre dual. Quando alguém consegue ver além da materialidade do seu ambiente vital, descobre que o sentido da vida é fruto da atividade criadora.<sup>27</sup>

O sentido da vida não se limita ao significado dela, mas revela as circunstâncias que dão razão aos momentos vitais. Para perceber o sentido é preciso ampliar o horizonte de criatividade até chegar às raízes últimas do ser, que residem em Deus. A partir daí, a pessoa dá limite superior à própria vida, confere-lhe real sentido.

No verdadeiro encontro com Deus, forma absolutamente perfeita, o homem eleva ao máximo as suas aspirações e realiza, em si próprio, sentimentos de entusiasmo e felicidade plena. Este caminho, porém, não é meramente automático, mas se dá numa busca gradual de conhecê-Lo verdadeiramente.

É próprio do ser humano a busca da verdade, do sentido da vida, e este só pode ser saciado com o Absoluto: a verdade suprema. Da razão brotam os questionamentos que levam o homem ao processo de busca da verdade. No entanto, assistimos a uma escravização da razão, que nem sempre se preocupa com os aspectos fundamentais do ser humano.

Encontramo-nos, pois, diante do desafio de um novo humano. Para tanto é preciso fazer um alongamento do conceito de razão. E ela não pode limitar-se à experiência empírica. Ela deve ser entendida como faculdade do ensinamento humano que contribui, sobretudo, para que a criatura busque conhecer o seu Criador, Deus.<sup>28</sup>

Em consequência dos contrastes causados pela modernidade, se constata um desequilíbrio presente no coração humano. As questões existenciais continuam indagando o homem hodierno, embora a ciência tenha prometido solucioná-las por completo. Em meio a tantas mudanças, o ser humano pode encontrar fundamento sólido na fé em Jesus Cristo, imutável e eterno.

*Jesus Cristo, o último Adão, manifesta plenamente aos seres humanos o que é ser humano e a sublimidade da vocação humana [...] Eis o grande e admirável mistério do ser humano. Os fiéis o reconheceram através da revelação cristã. Por Cristo e em Cristo brilha uma luz no fim do túnel da dor e da morte, que nos sufocaria, não fosse o evangelho.<sup>29</sup>*

A pessoa é, por natureza, feita à imagem de Deus. Temos que pensar como voltar a Deus, no mais íntimo de nós mesmos. O homem, como criatura divina, continua sedento de Deus, mesmo quando esta busca se confunde, erroneamente, com uma suposta felicidade decorrente do alcance de bens materiais.

O ser humano é genuinamente universal. Em todas as sociedades estão presentes ritos, maneiras de pensar. Toda cultura tem alguma expressão religiosa; o fenômeno religioso é universal. *Em todas as línguas que conhecemos existe uma palavra para aquele que em nossa língua chamamos 'Deus'*.<sup>30</sup>

Em meio a um contexto materialista, é válido resgatar a dimensão da transcendência própria do humano, principalmente na abertura a Deus. Este aspecto fundamental da pessoa a torna mais do que um simples indivíduo de sua espécie. É em Cristo que se percebe, por excelência, a relação do homem com o Tu divino. Há uma relação diretamente proporcional entre a aceitação do Deus-Ágape e um maior compromisso com o ser humano.<sup>31</sup>

A percepção da ação de Deus na história humana tem atravessado a história da Igreja desde os seus primórdios. O homem busca conhecer a Deus através do que lhe é acessível, ou seja, da percepção de Sua ação na história humana. É importante notar que *o agir de Deus na história não é agir de 'intervenção', cujo resultado o historiador pode medir e testar*.<sup>32</sup> Ao reconhecer o mundo como lugar privilegiado da Revelação, desfaz-se a ideia de que Deus está ausente de tudo o que é realidade terrestre.

O mundo não é, pois, um lugar de exílio do humano, mas da sua construção. Mesmo que a sociedade se apresente laica, é preciso reconhecer nela 'os sinais dos tempos', a presença salvadora de Deus. Tal presença não deve, porém, confundir-se com uma força dominadora; deve, sim, propor ao homem um relacionamento de amor salvífico.

A abertura a Deus é o aspecto mais fundamental da pessoa. *A relação com Deus, relação única e exclusiva, faz de cada indivíduo humano uma pessoa e não apenas mais um indivíduo da espécie humana*.<sup>33</sup> A aproximação do Deus-Ágape é diretamente proporcional ao compromisso com o ser humano.

Cientes de que o ser humano, mais que somente indivíduo, se plenifica na relação com outras pessoas pela via do amor, devemos concluir que em Deus se encontra a plenitude do ser. É nesse transbordamento originário e gratuito que se pode alcançar o aspecto da pessoa em grau supremo.

*A descoberta de Deus como realidade suprema, sob o tríplice aspecto da superioridade ontológica, axiológica e pessoal, repercute profundamente na vida dos homens e na sociedade.*<sup>34</sup> É a força do amor divino que nos possibilita a vida terrestre em comunidade. O ser humano concreto, consciente de sua finitude, deve buscar a sua completude na transcendência uma vez que não pode afirmar-se plenamente em si mesmo. O homem não se realiza somente na relação com o mundo e com os outros. Este tem esperança de ver realizada suas possibilidades e alcançar a plenitude. Para tanto, deve reconhecer a dimensão da transcendência que o conduz à eternidade.

### **Referências**

ARMANI, Carlos Henrique. *A morte de Deus e a contemporaneidade*. Teo Comunicação. 37 (2007) 169-186.

AQUINO, S. Tomás de. *Suma Teológica*. Vol.1. São Paulo: Loyola, 2001.

CATÃO, Francisco Augusto Camil. *Falar de Deus: considerações sobre os fundamentos da reflexão cristã*. São Paulo: Paulinas, 2001.

*Catecismo da Igreja Católica*. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

*Documentos do Concílio Vaticano I* (3015-3020). IN: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Petrus. *Compêndio dos símbolos: definições e declarações de fé e moral*. Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007. (bilíngüe)

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Trad. de L. A. Bahia e Giasone Rebuá. 9ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

*Gaudium et Spes* (139-1644) in: Vaticano II: mensagens discursos e documentos. Trad. De Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

GIANETTI, Eduardo. *Felicidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JOÃO PAULO II (14.09.1998). *Fides et ratio*. Carta Encíclica sobre as relações entre a fé e a razão. São Paulo: Paulinas, 1998.

KESSLER, Hans. *D. Cristologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). Manual de Dogmática. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2002,

KASPER, W. *El Dios de Jesucristo*. 3ª ed. Salamanca: Sígueme, 1990.

LAMBERT, Dominique. *Ciências e teologia: aspectos de um diálogo*. Trad. de Nadyr de Sales penteado. São Paulo: Loyola, 2002.

MORIN, Edgar. *Os saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2003.

MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Trad. de Nadys de Sales Penteado. São Paulo: Loyola, 2008.

NICOLAS, Marie-Joseph. *Introdução à Suma Teológica*. In: AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 2002.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. Trad. de Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.

RATZINGER, Joseph. *A crise do cristianismo no terceiro milênio*. In: Ratzinger, Joseph, Paulo Flores d'Arcais. *Deus existe?* Trad. de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2009.

ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da filosofia moderna*. Tradução de Marcos Bagno e Silvana Cabucci Leite. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.

SATTLER, Dorothea. *O Deus da vida*. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). Manual de Dogmática. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

VILLA, Mariano Moreno. *Dicionário de pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2000.

## Notas

\* Licenciado em filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia. Pós-graduado em pedagogia salesiana pela Faculdade Salesiana do Nordeste. Bacharelado em teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Campus Pio XI.

<sup>1</sup> VILLA, Mariano Moreno. *Deus*. In VILLA, Mariano Moreno (dir.). Dicionário do pensamento contemporâneo. São Paulo, Paulus, 2000, p. 192.

<sup>2</sup> MORIN, Edgar. *Os saberes necessários a educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 5.

<sup>3</sup> AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*, v. 1, São Paulo, Loyola, 2001, I, q. 12, a. 1. Aqui nos referimos ao caráter apofático do discurso sobre Deus. Tomás de Aquino estabeleceu a etapa da negação como indispensável no caminho do conhecimento racional de Deus, uma vez que Ele excede todo o conhecimento.

<sup>4</sup> SATTLER, Dorothea. *O Deus da vida*. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). Manual de Dogmática. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 55.

<sup>5</sup> *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000, n. 27-28.

<sup>6</sup> *Ibid.*, n. 1730.

<sup>7</sup> RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. Tradução de Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 154.

<sup>8</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 65-66.

<sup>9</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Trad. de Nadys de Sales Penteadó. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 291-301.

<sup>10</sup> AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*, Vol. 1, q. 12, a. 5.

<sup>11</sup> *DOCUMENTO DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO I (3015-3020)* IN: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Petrus. *Compêndio dos símbolos: definições e declarações de fé e moral*. Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007. (bilíngüe)

- <sup>12</sup> JOÃO PAULO II (14.09.1998). *Fides et ratio*. Carta Encíclica sobre as relações entre a fé e a razão. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 5.
- <sup>13</sup> NICOLAS, Marie-Joseph. *Introdução à Suma Teológica*. In: AQUINO, Tomás, *Suma Teológica*, pp. 38-39.
- <sup>14</sup> Para um estudo crítico sobre o problema do paradoxo da modernidade, veja-se: GIANETTI, Eduardo. *Felicidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- <sup>15</sup> FROMM, Erich. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Trad. de L. A. Bahia e Giasone Rebuá. 9ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, pp. 42-48.
- <sup>16</sup> RATZINGER, Joseph. *A crise do cristianismo no terceiro milênio*. In: Ratzinger, Joseph, Paulo Flores d'Arcais. *Deus existe?* Trad. de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2009, p. 19.
- <sup>17</sup> VILLA, Mariano Moreno. *Deus*, p. 192.
- <sup>18</sup> KASPER, Walter. *El Dios de Jesucristo*. 2ª ed. Salamanca: Sigueme, 1986, p. 23. “La muerte de Dios lleva a La muerte del hombre. Así se constata actualmente um pavoroso vacío de sentido e uma falta de orientación que es la causa más profunda de las angustias existenciales de muchas personas. Más aún que el ateísmo, ES el nihilismo resultante La verdadera característica de la época”.
- <sup>19</sup> ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da filosofia moderna*. Tradução de Marcos Bagno e Silvana Cabucci Leite. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 75-79.
- <sup>20</sup> FROMM, Erich. *A arte de amar*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 129.
- <sup>21</sup> KASPER, Walter. *El Dios de Jesucristo*, pp. 35-43.
- <sup>22</sup> BENNTO XVI. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiencias/2006/documents/hf\\_benxvi\\_aud\\_20061220\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiencias/2006/documents/hf_benxvi_aud_20061220_po.html) Acessado em 15.09.2010
- <sup>23</sup> LAMBERT, Dominique. *Ciências e teologia: aspectos de um diálogo*. Tradução de Nadyr de Sales Pentead. São Paulo, Loyola, 2002, p. 145. Aqui o autor parte do pressuposto de que Deus, vida de amor, por iniciativa própria e dom gratuito, criou o mundo. A presença divina no mundo é ao mesmo tempo real e discreta, por considerar a autonomia do homem e do universo. A sua ação se dá como causa primeira e, por isso, não pode confundir-se com causas físicas.
- <sup>24</sup> ARMANI, C. H. *A morte de Deus e a contemporaneidade*. TEO comunicação 37 (2007) p. 178.
- <sup>25</sup> CATAO, Francisco. *Falar de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001, pp. 56-61.
- <sup>26</sup> KESSLER, Hans. *D. Cristologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 395.
- <sup>27</sup> QUINTAS, A. López. *Sentido da vida*. In: *Dicionário do pensamento contemporâneo*, p. 677.
- <sup>28</sup> VATICANO I. *Compêndio dos símbolos: definições e declarações de fé e moral*, n. 3015-3020.

<sup>29</sup> *Gaudium et Spes* (1385; 1390). In: Vaticano II: mensagens discursos e documentos. Trad. De Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>30</sup> SATTLER, Dorothea. *Deus da vida*, p. 97.

<sup>31</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001, pp. 311-312.

<sup>32</sup> SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 634.

<sup>33</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, p. 311.

<sup>34</sup> VILLA, Mariano Moreno. *Deus*, p. 195.